

FÁBRICA DE HERÓIS - A REACÇÃO DA IMPRENSA SEMANAL PORTUGUESA AO ATENTADO QUE PROVOCOU A MORTE DE SÉRGIO VIEIRA DE MELLO.

Jorge Pedro Sousa - *Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UFP*
Professor Associado

ABSTRACT

This work describes how the weekly magazine *Visão* and the weekly paper *Expresso* cover the attack that caused the death of the Brazilian diplomat Sérgio Vieira de Mello, high-representative of the United Nations in Iraq. The author concludes that the news about the event were personalized and centralized in Sérgio Vieira de Mello. This behavior helped to shape a heroic image of the Brazilian diplomat.

RESUMO

Este trabalho descreve como a revista semanal *Visão* e o semanário *Expresso* reagiram ao atentado que provocou a morte do diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello, representante das Nações Unidas no Iraque. O autor conclui que as duas publicações personalizaram a cobertura do atentado, centralizando-a em Sérgio Vieira de Mello, o que ajudou a construir uma imagem heróica do diplomata brasileiro.

INTRODUÇÃO

No campo dos estudos jornalísticos e da análise do discurso, há já vários anos que se evidencia que a actualidade, a morte, a negatividade e a referência a pessoas de elite funcionam como critérios de noticiabilidade. Mitchell Stephens (1988, p. 34) sustenta, inclusivamente, que as “qualidades duradouras” das notícias têm variado pouco através da história, resumindo-se essencialmente à actualidade, à proximidade (geográfica, cultural, linguística...), ao extraordinário, ao insólito, à proeminência das figuras envolvidas, ao ilegal, às guerras, às calamidades e à morte (“más notícias são boas notícias”). Outros autores, como Traquina (2002, pp. 174-178) ou Gans (1979) realçam, igualmente, que a definição do que é notícia apresenta um certo grau de estabilidade histórica. Galtung e Ruge (1965), primeiros pesquisadores a procurarem identificar de forma sistemática e exaustiva as qualidades que contribuem para a definição do que é notícia, referem, também eles, entre outros factores, a referência a pessoas de elite, a personalização, a negatividade, o inesperado e a amplitude (número de pessoas afectadas, consequências do acontecimento, etc.). Galtung e Ruge chamam ainda a atenção para outros elementos que influenciam a noticiabilidade de um acontecimento, como sejam a clareza quanto ao seu significado, a consonância com enquadramentos e significados anteriores (“as novas são velhas”), a continuidade da cobertura de acontecimentos já noticiados e a referência a nações de elite.

Indo ao encontro de Daniel Hallin (1986), que explicita que os media se movem essencialmente dentro das esferas do consenso e da controvérsia legítima, tendendo a excluir a do desvio, Traquina (2002, p. 192) sublinha que a controvérsia e o conflito também funcionam como factores de noticiabilidade. Esse autor chama igualmente a atenção para a existência de valores-notícia de construção, que ele define como “os critérios de selecção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (Traquina, 2002, p. 198), como a personalização e a dramatização. Sem negarmos a pertinência da explicação de Traquina, pensamos, todavia, que os valores-notícia de construção também estão relacionados com a possibilidade de *imprimir uma determinada marca à notícia*. Por exemplo, a personalização não se resume ao que diz Traquina (2002, p. 199): “quanto mais personalizado é o acontecimento mais possibilidades tem a notícia de

ser notada”. A personalização está também relacionada com a possibilidade de construir jornalisticamente uma história ancorando-a a uma pessoa. A receita é, aliás, comum nos manuais de jornalismo: começar uma matéria com a história de uma pessoa para posteriormente se abrir a matéria ao caso geral, dar conta das vivências e perspectivas particulares das pessoas, contar histórias sobre pessoas, etc. são conselhos que repetidamente se dão aos jornalistas e candidatos a jornalistas (Fernández Parratt, 2001). Do mesmo modo, a dramatização está também relacionada com a possibilidade de dramatizar a história do acontecimento e não apenas com as características intrínsecas do acontecimento.

Sousa (2000) explica que os critérios de noticiabilidade foram inculcados na cultura jornalística a partir de uma matriz organizacional, social (incluindo as expectativas do público e o mercado), ideológica, cultural e histórica, dependendo, igualmente, de factores pessoais, físicos e tecnológicos. Por isso, Sousa comunga da perspectiva de Ericson, Baranek e Chan (1987, pp. 139- 140), segundo a qual os critérios de noticiabilidade contribuem para que o jornalista hierarquize os acontecimentos em função da sua importância. Por outras palavras, os valores-notícia norteiam o processo de selecção noticiosa, embora não sejam totalmente imperativos, pois há sempre um espaço para a acção pessoal do jornalista. Essa é, aliás, uma das razões que leva Ericson, Baranek e Chan (1987, pp. 139-140), tal como Sousa (2000), a reconhecer que os critérios de noticiabilidade são “múltiplos, entrecruzados” e nem sempre fáceis de definir pelos pesquisadores.

De acordo com o enquadramento teórico anterior, o atentado que vitimou o diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello, representante do secretário-geral das Nações Unidas no Iraque e Alto Comissário da ONU para os Direitos Humanos, ocorrido em Bagdad, Iraque, no dia 19 de Agosto de 2003, mistura várias características que permitiram a sua eleição à condição de notícia:

- a) Actualidade;
- b) Negatividade do acontecimento e morte;
- c) Excesso, intensidade e amplitude: Morreram vinte pessoas em consequência do atentado, incluindo Sérgio Vieira de Mello;
- d) Referência a pessoas individuais de elite: Sérgio Vieira de Mello;
- e) Referência a pessoas colectivas de elite: Nações Unidas;
- f) Proximidade afectiva, linguística e cultural dos portugueses com Sérgio Vieira de Mello, conhecido dos portugueses por ter liderado a missão da ONU em Timor-Leste durante o período pré-independência (ocasião em que Portugal liderou o apoio aos timorenses e se comoveu e envolveu com a sua sorte);
- g) Proximidade decorrente do envolvimento português na política de intervenção no Iraque;
- h) Envolvimento de nações de elite e de nações próximas de Portugal no Iraque (Espanha, Estados Unidos, Reino Unido, etc.);
- i) Clareza de significado primário: foi um atentado contra a presença das Nações Unidas no Iraque (contra a presença estrangeira no Iraque);
- j) Continuidade, pois a notícia do atentado dá continuidade à longa cobertura da situação no Iraque, que acaba por ser uma espécie de notícia em desenvolvimento (Tuchman, 1978, pp. 49 e 56-58) que ainda hoje não teve um desenlace e que continua a ser notícia porque obedece a vários critérios de noticiabilidade, como a morte, a negatividade, o desvio, o excesso, o envolvimento de pessoas e nações de elite, etc.;

- k) Consonância com um enquadramento recorrente para as intervenções militares norte-americanas no mundo: podem transformar-se num “novo Vietname”, o que parecia (parece) estar a suceder no Iraque, com a situação a caminhar para a falta de controlo;
- l) Permite a personalização e a dramatização do tratamento noticioso, quer por ter vitimado uma personalidade de elite quer por ser um assunto intrinsecamente violento e trágico;
- m) Proporciona imagens fortes;
- n) Agudiza a conflitualidade e a polémica geradas pela divergência de posições entre nações de elite e outros actores da cena internacional sobre a intervenção militar no Iraque.

Os critérios de noticiabilidade ajudam a compreender os enquadramentos que são dados aos acontecimentos quando estes são convertidos em notícias. Goffman (1975, pp. 10-11) define os enquadramentos como “princípios de organização que governam os acontecimentos (...) e o nosso envolvimento subjectivo neles”. Tuchman (1976) diz que eles contribuem para a construção de sentidos para a realidade social. Gamson (1989, p. 157) explica que um enquadramento é uma ideia central que organiza e dá sentido aos acontecimentos, sugerindo “o que está em causa”. Gitlin (1980, p. 7) sustenta que os enquadramentos são padrões “de cognição, interpretação e apresentação, selecção, ênfase e exclusão” que organizam os discursos verbais e visuais. Traquina (2002, pp. 200-201) explica que eles “são sugeridos através de metáforas, frases feitas, exemplos históricos, descrições e imagens”, sendo que por vezes as notícias “novas” são encaixadas em “velhos” enquadramentos (por exemplo, o Iraque como novo Vietname).

Os conteúdos e enquadramentos de grande parte das notícias dependem daquilo que as fontes dizem (Sigal, 1973). A maior parte da literatura sobre fontes de informação mostra que, se por um lado o jornalismo está orientado para os acontecimentos (e não para as problemáticas), por outro também está orientado para as fontes de informação, em particular para as “fontes oficiais” (Traquina, 2001, p. 137; Gans, 1979), que autorizam e credibilizam o discurso jornalístico, independentemente de os jornalistas terem maior ou menor liberdade de negociar os enquadramentos e significados propostos pelas fontes (ver, por exemplo: Traquina, 2002; Sousa, 2000; Gans, 1979).

As fotografias jornalísticas, além de suscitarem a atenção e interesse do leitor, também contribuem para fixar os enquadramentos das histórias e para a construção de significados (Tubergen e Mashman, 1974).

Em consonância com o exposto, o presente trabalho tem por objectivo descrever e interpretar a forma como os semanários portugueses de referência noticiaram o atentado que provocou a morte do diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello e verificar se, conforme previsto pela teoria do jornalismo, o facto de uma das vítimas ser uma personalidade de elite cuja morte foi particularmente sentida em Portugal enviesou, dramatizou e personalizou as notícias, conferindo-lhes um enquadramento diferente daquele que a história possivelmente teria se a morte de Sérgio Vieira de Mello não tivesse sido uma das consequências do atentado.

Face ao objectivo equacionado, elegeu-se a análise do discurso como método de pesquisa, já que é o método que possibilita atingir-se a substância de um discurso. Para a componente quantitativa da análise, utilizou-se como unidade a matéria individual sobre o atentado ou Sérgio Vieira de Mello, sendo consideradas matérias sobre o atentado e Sérgio Vieira de Mello todas as matérias que referenciavam o atentado ou o diplomata da ONU,

directa ou indirectamente. A informação foi, assim, classificada em número de matérias e em cm² (arredondados às unidades) por várias categorias definidas *a priori*, conforme é habitual neste tipo de pesquisa (cf. Marques de Melo *et al.*, 1999, p. 4; cf. Marques de Melo, 1972). No caso particular das fontes, a informação foi categorizada por número de referências às fontes e número de frases citadas. Assim, as variáveis dependentes do presente estudo foram, simultaneamente, as matérias sobre o atentado, medidas nominalmente e por nível de razão (em cm²), e as referências às fontes e frases citadas.

A definição das categorias para a análise de conteúdo foi feita tomando em consideração que essa mesma análise procuraria testar várias hipóteses, sustentadas pela teoria do jornalismo, e responder às perguntas de investigação que delas emergiram.

Tabela 1. Hipóteses, perguntas de pesquisa, variáveis e definição operacional das categorias de análise do discurso

Perguntas de pesquisa	Variáveis	Definição operacional das categorias de análise do discurso
H 1 O elevado grau de noticiabilidade do atentado, decorrente da confluência de vários critérios de noticiabilidade, relevaram esse acontecimento entre a informação.		
PP 1 Qual foi a relevância informativa concedida ao atentado?	Quantidade de informação (número de matérias e espaço ocupado em cm ²). Quantidade de chamadas noticiosas à primeira página (n.º de chamadas e espaço ocupado em cm ²).	Matérias sobre o atentado: Matérias que referenciam o atentado e Sérgio Vieira de Mello, mesmo que o seu tema central seja outro. Matérias internacionais: Matérias que registam acontecimentos que envolvem organizações, estados ou personalidades estrangeiras ou internacionais, mesmo quando ocorrem em Portugal. Chamadas sobre o atentado à primeira página: Títulos e outras referências ao atentado e a Sérgio Vieira de Mello nas primeiras páginas dos periódicos analisados.
H 2 A morte de Sérgio Vieira de Mello centralizou a cobertura e os enquadramentos temáticos, devido à sua relevância social e à proximidade linguística, cultural e afectiva dos portugueses com o diplomata brasileiro.		
PP 2 Quais as macro-temáticas predominantes na informação sobre o atentado?	Quantidade de informação sobre o atentado (número de matérias e espaço ocupado em cm ²), em função dos temas centrais das matérias.	Sérgio Vieira de Mello: Matérias que têm por tema Sérgio Vieira de Mello, a sua vida e as suas realizações pessoais e profissionais, mesmo que de carácter opinativo e argumentativo. Reacções verbais à morte de Sérgio Vieira de Mello. Atentado: Notícias “duras” sobre o atentado, suas causas e consequências, mesmo que envolvam análise e interpretação. Reacções verbais ao atentado em geral. Contexto e argumentação: Matérias documentais, interpretativas ou argumentativas cuja preocupação central é levar os leitores a inserir melhor o atentado na conjuntura e na história, etc. ou onde se apresentam argumentos que visam levar o leitor a subscrever uma determinada posição. Temáticas mistas: Matérias que poderiam ser classificadas em várias das categorias anteriores, por abordarem várias das temáticas atrás definidas sem que uma delas constitua o tema central. Outros assuntos: Todas as matérias que referenciam o atentado e cujo tema central não cabe nas categorias anteriores.
H 3 O carácter surpreendente do atentado promoveu a informação noticiosa, mas a morte de Sérgio Vieira de Mello temperou as notícias com perfis e opiniões.		
PP 3 Quais os géneros jornalísticos usados para a cobertura do atentado?	Quantidade de informação sobre o atentado (número de matérias e espaço ocupado em cm ²), em função dos géneros jornalísticos.	Informação essencialmente noticiosa (notícias e reportagens): Relatos essencialmente noticiosos sobre o acontecimento, comportando informação nova e actual. Colunas de reacções verbais. Entrevista: Matérias jornalísticas susceptíveis de permitir a um ou mais entrevistados dirigirem-se directamente ao leitor através das respostas que dão às perguntas de um jornalista, embora o jornalista oriente a entrevista em função das perguntas que coloca, de forma a trazer a público informação nova e pertinente. Documento: Matérias jornalísticas que funcionam como <i>background</i> informativo e documental para notícias, reportagens, entrevistas, etc. Perfis “factuais” de Sérgio Vieira de Mello. Matérias argumentativas (editorial, coluna, comentário, artigo, etc.): Matérias que, regra geral, surgem espacialmente bem delimitadas, apresentam um conteúdo argumentativo, analítico ou opinativo e são assinadas. Geralmente, são matérias que não trazem informação nova, antes se debruçam sobre dados conhecidos, que servem de base à interpretação e argumentação.

		<p>Crónicas: Reacções pessoais e impressionistas ao atentado e à morte de Sérgio Vieira de Mello, sem preocupação eminentemente argumentativa.</p> <p>Outro género: Matérias que não cabem nas categorias anteriores.</p>
<p>H 4 A facilidade de acesso, por um lado, e a necessidade de saber o que se passava e de referenciar a “visão local” sobre o acontecimento, por outro, impuseram o recurso equilibrado a fontes portuguesas, brasileiras, internacionais (Nações Unidas), iraquianas, da coligação internacional e de outras nacionalidades.</p> <p>H 5 As fontes oficiais são dominantes, conforme previsto pela teoria do jornalismo.</p> <p>H 6 A importância da morte de Sérgio Vieira de Mello no contexto do atentado foi suficiente para recuperar algumas das suas intervenções anteriores, como forma de registo do seu pensamento e de descrição da sua personalidade.</p>		
<p>PP 4 Quais são as fontes presentes nas matérias sobre o atentado?</p>	<p>Presença das fontes nas matérias (excluindo o produtor do texto), em número de referências e frases citadas.</p>	<p>Sérgio Vieira de Mello: Declarações de Sérgio Vieira de Mello (individualizadas quer para efeitos de ponderação do peso relativo das mesmas quer porque a sua inclusão nas fontes brasileiras ou nas fontes internacionais se revelaria complexa).</p> <p>Brasileiros: Fontes brasileiras, unipessoais ou colectivas. Instituições e organizações brasileiras.</p> <p>Portugueses: Fontes portuguesas, unipessoais ou colectivas. Instituições e organizações portuguesas.</p> <p>Fontes internacionais: Representantes e altos funcionários das Nações Unidas e de outras organizações internacionais; Nações Unidas e organizações internacionais enquanto pessoas colectivas.</p> <p>Iraquianos: Fontes iraquianas.</p> <p>Coligação Internacional: Fontes da Coligação Internacional que interveio no Iraque e dos principais países dessa Coligação (EUA, Reino Unido, Espanha).</p> <p>Outras nacionalidades: Fontes de nacionalidades não referenciadas anteriormente.</p> <p>Indeterminadas: Fontes cuja nacionalidade é impossível de determinar pela análise do discurso.</p> <p>Sérgio Vieira de Mello: Recuperação de citações de Sérgio Vieira de Mello, mesmo quando incluídas em matérias publicadas em vários órgãos jornalísticos. Últimas palavras do diplomata.</p> <p>Fontes “oficiais”: Instituições nacionais ou internacionais. Políticos, diplomatas e altos funcionários. Representantes de organizações e instituições. Representantes das forças armadas, dos bombeiros e outros agentes da protecção civil.</p> <p>Agentes da protecção civil: Polícias, bombeiros, militares, etc. que funcionam como fontes embora sem representarem oficialmente as instituições e organizações que servem.</p> <p>Especialistas e comentadores: Pessoas que embora não representem uma instituição ou organização são citadas como especialistas nos assuntos em causa.</p> <p>Jornalistas e órgãos jornalísticos: Fontes jornalísticas. Não se incluiu nesta categoria a recuperação de declarações antigas de Sérgio Vieira de Mello (etc.) a vários órgãos jornalísticos.</p> <p>Funcionários intermédios e de base e populares: Fontes populares não incluídas nas categorias anteriores. Funcionários não representantes das suas instituições.</p> <p>Outras fontes e fontes anónimas: Fontes não incluídas nas categorias anteriores. Fontes anónimas.</p>
<p>H 7 As fotografias jornalísticas reforçaram os enunciados verbais.</p>		
<p>PP 5 Quais os enquadramentos temáticos das fotografias jornalísticas sobre o atentado?</p>	<p>Quantidade de foto-informação sobre o atentado e Sérgio Vieira de Mello (número de fotos e espaço ocupado em cm²), em função do conteúdo.</p>	<p>Atentado: Fotografias das consequências do atentado e do local.</p> <p>Sérgio Vieira de Mello: Fotografias em que Sérgio Vieira de Mello constitui o tema central e/ou que foram publicadas unicamente devido à presença do diplomata brasileiro nas mesmas.</p> <p>Outros conteúdos: Fotografias com outros conteúdos.</p>

Além das questões sistematizadas na tabela 1, definiu-se ainda uma derradeira pergunta de investigação, cuja resposta obrigou a uma análise qualitativa do discurso (orientada para o caso geral e não para matérias em particular) e onde se teve em conta que a lin-

guagem é produtiva e incapaz de espelhar a realidade (Traquina, 2002; Fairclough, 1992, 1995; Bell e Garrett, 1998; Fowler, 1991):

PP 7 De que forma a linguagem usada para a cobertura do atentado e da morte de Sérgio Vieira de Mello indicia enfiamentos intencionais ou não intencionais introduzidos na informação pelos actores do processo informativo?

Foram, assim, analisadas quantitativa e qualitativamente as edições da *Visão* do dia 21 de Agosto de 2003 e do *Expresso* do dia 23 de Agosto de 2003. Embora para efeitos de quantificação do destaque dado ao atentado se tenham analisado globalmente os números das publicações atrás referidas (excluindo suplementos, com excepção da revista *Única* do *Expresso*), o objecto de estudo específico resumiu-se às matérias que referenciaram o atentado e Sérgio Vieira de Mello. As matérias foram classificadas unicamente pelo pesquisador, pelo que não houve lugar à aferição de fiabilidade inter-codificadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados da tabela 2 mostram que nos dois periódicos analisados o atentado foi assunto relevante entre a informação, particularmente entre a informação internacional (38% do espaço informativo internacional da *Visão* e 47% do mesmo espaço no *Expresso* foi ocupado com informação sobre o atentado). O destaque torna-se particularmente notório quando se observam os dados das primeiras páginas. Cerca de 87% da superfície da primeira página da *Visão* foi ocupada por referências ao atentado, enquanto o *Expresso*, um jornal de formato clássico, dedicou ao assunto 15% da superfície da “um”. Comprova-se, assim, que a obediência a vários critérios de noticiabilidade catapultou o atentado para a condição de notícia de destaque.

Tabela 2. Destaque dado ao atentado

	<i>Visão</i>	<i>Expresso</i>
Total de matérias*	110	159
Total de matérias internacionais	46	48
Matérias sobre o atentado*	6	12
% de matérias sobre o atentado no total de matérias*	6	8
% de matérias sobre o atentado no total de matérias internacionais	13	25
Espaço informativo total (cm ²)*	48 171	90 225
Espaço informativo internacional (cm ²)*	6 564	12 982
Espaço informativo ocupado por matérias sobre o atentado (cm ²)*	2 478	6 113
% do espaço informativo ocupado por matérias sobre o atentado*	5	7
% do espaço informativo internacional ocupado por matérias sobre o atentado*	38	47
Número de chamadas noticiosas à primeira página	4	10
Número de chamadas internacionais à primeira página	2	6
Número de chamadas noticiosas sobre o atentado à primeira página	1	2
% de chamadas à primeira página sobre o atentado no total de chamadas à primeira página	25	20
% de chamadas à primeira página sobre o atentado no total de chamadas internacionais à primeira página	50	33
Espaço informativo na primeira página (cm ²)	468	1 803
Espaço informativo internacional na primeira página (cm ²)	408**	1 262
Espaço informativo sobre o atentado na primeira página (cm ²)	408**	265
% do espaço informativo em primeiras páginas ocupado por matérias sobre o atentado	87	15
% do espaço informativo internacional em primeiras páginas ocupado por matérias sobre o atentado	100	21

* Exclui primeiras páginas.

** A outra chamada internacional à primeira página foi sobreposta à fotografia do atentado.

A tabela 3 mostra que os dois periódicos analisados evocaram notoriamente a figura de Sérgio Vieira de Mello entre a informação sobre o atentado. Um terço das matérias da *Visão* sobre o atentado referem-se exclusivamente ao diplomata brasileiro. No *Expresso*, 17% das matérias, que ocupam quase um terço do espaço dedicado ao atentado, têm por tema a figura de Sérgio Vieira de Mello. Há ainda a assinalar que nas matérias categorizadas como “temáticas mistas” (que ocupam 47% da superfície informativa sobre o atentado na *Visão* e 30% no *Expresso*) também se menciona a morte de Sérgio Vieira de Mello, embora a mesma não constitua o (único) tema central. É o caso, por exemplo, das matérias que noticiam o atentado relembrando que Sérgio Vieira de Mello foi uma das vítimas. A tabela 3 documenta, assim, que a morte de pessoas de elite próximas da audiência e dos jornalistas é um tema fortemente noticiável por somar vários critérios de noticiabilidade.

Tabela 3. Macro-enquadramentos temáticos da informação sobre o atentado

	Visão				Expresso			
	N.º matérias	%	Espaço (cm²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm²)	%
Sérgio Vieira de Mello	2	33	811	33	2	17	1 836	30
Atentado	1	17	207	8	1	8	152	3
Contexto e argumentação	1	17	200	8	1	42	1 670	27
Temáticas mistas	1	17	1 169	47	3	25	1 817	30
Outros temas	1	17	91	4	1	8	638	10
TOTAL	6	100	2 478	100	12	100	6 113	100

Os dados da tabela 4 evidenciam que embora 67% das matérias da *Visão* (61% do espaço) e 50% das matérias do *Expresso* (46% do espaço) sobre o atentado e a morte de Sérgio Vieira de Mello sejam de natureza noticiosa, as restantes são de outra natureza: crónicas, perfis-documento do diplomata brasileiro, editoriais, textos argumentativos, etc. A morte violenta de uma personagem de elite próxima consubstancia-se, desse modo, como um factor suficiente para alterar não apenas os conteúdos, mas também os *formatos* da cobertura jornalística dos acontecimentos. Neste pormenor, é de realçar o espaço que o *Expresso* concede a matérias de natureza argumentativa suscitadas pelo atentado e pela morte de Sérgio Vieira de Mello (33% das matérias, ocupando 24% do espaço). Pode mesmo dizer-se que embora a cobertura do atentado tenha sido centrada no acontecimento e nos primeiros planos, conforme prevê a teoria do jornalismo (Tuchman, 1978; Traquina, 2001, pp. 134-136; Schlesinger, 1977), a morte de Sérgio Vieira de Mello serviu de *cabide* para a discussão de problemáticas, rompendo com o formato rotinizado de cobertura dos acontecimentos, mesmo ponderando que os periódicos analisados têm uma periodicidade semanal, esperando-se mais deles do que dos diários uma atitude contextualizadora, interpretativa e mesmo opinativa.

Tabela 4. Géneros jornalísticos na informação sobre o atentado

	Visão				Expresso			
	N.º matérias	%	Espaço (cm²)	%	N.º matérias	%	Espaço (cm²)	%
Matérias essencialmente noticiosas	4	67	1 522	61	6	50	2 787	46
Documento	2	33	956	39	1	8	1 740	29
Matérias argumentativas	0	0	0	0	4	33	1 490	24
Crónicas	0	0	0	0	1	8	96	2
TOTAL	6	100	2 478	100	12	100	6 113	100

No que respeita à citação de fontes, os dois periódicos apresentam comportamentos relativamente semelhantes, sendo de realçar o destaque dado à recuperação de citações de Sérgio Vieira de Mello, capazes de ajudar a retratar quer os seus últimos momentos quer a vida e pensamento do diplomata. Por razões de proximidade, o *Expresso* usa

essencialmente fontes portuguesas (mais de % das referências e das frases citadas), até porque procura evidenciar em várias matérias as possíveis consequências do atentado para Portugal (por exemplo, num texto sobre os eventuais reflexos do acontecimento na partida de militares da Guarda Nacional Republicana para policiamento no Iraque). Esse semanário também cita bastantes fontes dos países da Coligação Internacional (17% das referências e 9% das frases citadas), provavelmente referenciadas nos despachos das agências noticiosas, já que o jornal não possuía quaisquer enviados no Iraque. Na *Visão*, aparecem citações de portugueses, de funcionários e representantes das organizações internacionais (ONU...) e ainda de cidadãos de outras nacionalidades, mas com destaque para as duas primeiras categorias. Estranhamente, os iraquianos são relativa (*Expresso*) ou totalmente (*Visão*) ignorados enquanto fontes de informação sobre o atentado, evidenciando simbolicamente ter pouca voz sobre o que se passava no seu próprio país. Registe-se, ainda, que a nacionalidade de Sérgio Vieira de Mello não teve um grande efeito de arrastamento na citação de fontes, pois os periódicos citaram poucas (e pouco) fontes brasileiras, o que contribuiu para que Sérgio Vieira de Mello tenha sido simbólica e indirectamente mais apresentado como “cidadão do mundo” e “encarnação” das Nações Unidas do que como brasileiro.

Tabela 5. Nacionalidade das fontes usadas na informação sobre o atentado

	<i>Visão</i>				<i>Expresso</i>			
	N.º de referências	%	Períodos/frases	%	N.º de referências	%	Períodos/frases	%
Sérgio Vieira de Mello	7	39	7	26	9	17	56	48
Brasileiros	0	0	0	0	3	5	3	3
Portugueses	2	11	8	30	23	43	29	25
Fontes internacionais	6	33	7	26	7	13	14	12
Iraquianos	0	0	0	0	2	4	2	2
Coligação Internacional	1	6	1	4	9	17	11	9
Outras nacionalidades	2	11	4	15	0	0	0	0
Indeterminadas	0	0	0	0	1	2	1	1
TOTAL	18	100	27	100	54	100	116	100

Nota: Não se considerou o produtor da informação como fonte. Não se consideraram documentos como fontes. Não se contabilizaram os dados das primeiras páginas.

A teoria do jornalismo prevê e, no caso da cobertura do atentado que vitimou Sérgio Vieira de Mello, a análise de conteúdo confirma, que as fontes “oficiais” (Sérgio Vieira de Mello também seria uma fonte oficial) predominam na cobertura noticiosa, conforme é observável na tabela 6, porque são representativas (representam pessoas, organizações, estados, instituições, etc.) e credíveis, fornecendo regularmente informação autorizada aos meios jornalísticos (Sousa, 2002; Traquina, 2002). Desse modo, foram relativamente ignorados os funcionários intermédios das organizações, os especialistas que poderiam ajudar a compreender melhor o acontecimento, as pessoas comuns, etc. As citações de outros órgãos jornalísticos indiciam iniciativa jornalística, mas também a incapacidade de tudo cobrir, o que obriga as organizações noticiosas a encontrar formas de tapar os buracos da rede de captura de acontecimentos (a *news net* de que falava Tuchman, 1978), de que o aproveitamento das informações de outros *media* são exemplo. Registe-se, ainda, que se os jornalistas e os órgãos jornalísticos são citados é porque têm credibilidade, o que documenta o carácter transnacional desse valor profissional.

Tabela 6. Tipologia das fontes usadas na informação sobre o atentado

	Visão				Expresso			
	N.º de referências	%	Períodos/frases	%	N.º de referências	%	Períodos/frases	%
Sérgio Vieira de Mello	7	39	7	26	9	17	56	48
Fontes “oficiais”	7	39	8	30	32	59	42	36
Agentes da protecção civil	0	0	0	0	1	2	1	1
Especialistas e comentadores	1	6	1	4	2	4	4	3
Funcionários intermédios e populares	1	6	1	4	5	9	8	7
Jornalistas e órgãos jornalísticos	1	6	3	11	5	9	5	4
Outras fontes e fontes anónimas	1	6	7	26	0	0	0	0
TOTAL	18	100	27	100	54	100	116	100

Nota: Não se considerou o produtor da informação como fonte. Não se consideraram documentos como fontes. Não se contabilizaram os dados das primeiras páginas.

Os dados expostos na tabela 7 evidenciam que a figura de Sérgio Vieira de Mello foi um conteúdo relevante da foto-informação, em especial no *Expresso*, que dedica 67% das fotografias sobre o atentado ao diplomata (e 52% do espaço fotográfico). A cobertura fotojornalística do *Expresso* reforçou a dimensão personalizante dos enunciados verbais sobre o atentado, tendência que é atenuada, mas não anulada, na *Visão*, que dedica apenas 14% do espaço fotográfico à figura de Sérgio Vieira de Mello, embora o diplomata brasileiro esteja representado em 43% das fotografias.

Tabela 7. Enquadramentos temáticos da foto-informação sobre o atentado

	Visão				Expresso			
	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%	N.º de fotos	%	Espaço (cm ²)	%
Sérgio Vieira de Mello	6	43	181	14	12	67	1 302	52
Atentado	6	43	1 029	82	4	22	726	29
Outros conteúdos	2	14	49	4	2	11	496	19
TOTAL	14	100	1 259	100	18	100	2 524	100

Nota: nos dados desta tabela contabilizaram-se os resultados das primeiras páginas.

Os dados da análise qualitativa ajudam a consolidar as interpretações dos dados quantitativos, em especial no que respeita à personalização da cobertura e à construção consonante de uma imagem sobre-humana, mítica, estereotipada, de Sérgio Vieira de Mello pelos dois periódicos. Logo na primeira página, as publicações analisadas revelam comportamentos algo similares no que respeita à centralização da cobertura do acontecimento na figura de Sérgio Vieira de Mello (personalização). Embora a *Visão* dê a manchete ao atentado em si (foto de soldados a transportar um ferido e título “Terror em Bagdad”), não deixa de recordar o diplomata brasileiro na “um”, no cabeçalho da página, com título (“Os Últimos Momentos do Diplomata Mártir”) e foto (um Sérgio Vieira de Mello institucionalizado e sorridente, com a legenda biográfica “Sérgio Vieira de Mello 1948-2003”); por seu turno, o *Expresso* aproveita uma fotografia de arquivo de um Sérgio Vieira de Mello igualmente sorridente em Timor-Leste para evocar a morte do diplomata e o atentado que lhe custou a vida, com o título “Os Últimos Momentos”. O texto relembra as últimas palavras do diplomata.

Conforme se pode observar na tabela 8, que regista as formas de referenciar o diplomata brasileiro encontradas na *Visão* e no *Expresso*, o discurso é enviesado em favor da construção da referida imagem sobre-humana do diplomata. É de salientar que a consonância entre os dois periódicos pode contribuir para o agendamento e consolidação de enquadramentos na esfera pública (ver: Sousa, 2000).

É ainda de salientar que alguns dos registos expostos na referida tabela são excertos de enunciados dos próprios jornalistas, que se envolveram emocionalmente no texto, dadas as circunstâncias especiais do evento (morte de Sérgio Vieira de Mello). Esse envolvimento demonstra que em circunstâncias particulares os jornalistas rompem com as formas rotineiras e objectivantes de lidar com os acontecimentos. Porém, esse extravasar das emoções dos jornalistas é pontual, pois a maioria das referências apresentadas na tabela 8 foram proferidas por fontes externas aos meios e são apresentadas entre aspas ou sob a forma de paráfrase, procedimento de objectividade que desvincula simbolicamente o jornalista daquilo que é dito (a objectividade como estratégia, conforme a noção de Tuchman, 1978). Realce ainda para o facto de no editorial do *Expresso* se assistir a uma espécie de simbólica apropriação nacional da figura do diplomata, designado por “ilustre membro da lusofonia”. A *Visão* não fica muito atrás, pois uma fonte relembra-o como “cidadão do mundo”.

Tabela 8. Formas de referencia a Sérgio Vieira de Mello

Visão	Expresso
Superdiplomata; estrela ascendente [na ONU]; provável sucessor de Kofi Annan; Alto Comissário para os Direitos Humanos; braço-direito [de Kofi Annan]; homem extraordinário; incomparável em difundir princípios de convergência entre os homens; homem do mundo; [capaz de] enfrentar o perigo; herói; tipo magnífico; era as Nações Unidas; guerreiro; bom negociador; enviado da ONU para as missões quase impossíveis; enviado especial para as tarefas difíceis; diplomata mártir.	Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos; símbolo; representante [da ONU] no Iraque pessoalmente escolhido por Kofi Annan; optimista; servidor da humanidade dedicado a dar alívio ao sofrimento; simpático e charmoso carioca; trabalhador pela humanidade; insubstituível; mais destacado colaborador de Kofi Annan; [tinha uma] incrível tenacidade; [tinha um] carisma fantástico; conseguia atrair a simpatia de todos; homem de diálogo; enérgico; bem-disposto; [tinha um] dom humanitário; paciente; bom administrador; corajoso; herói; cidadão do mundo; [vítima] inocente; símbolo da ONU; um dos mais prestigiados defensores dos direitos humanos, da segurança internacional e da independência dos povos; herói da democracia e da paz; a melhor de entre [as pessoas da ONU], a mais equilibrada no conjunto de dons e virtudes; entusiasta inteligente e com sentido de humor; [homem de] acção; homem a quem [Portugal] tanto ficou a dever em Timor; figura exemplar de diplomata e de amante da paz; ilustre membro da lusofonia.

Além das formas de referência directa a Vieira de Mello, também se encontram nos dois periódicos dispositivos discursivos susceptíveis de indirectamente ajudarem a construir uma imagem do diplomata. Por exemplo, a *Visão* narra que no Kosovo ele disse que não tinha medo, logo era corajoso; e que noutras ocasiões elogiou a história do Iraque e disse perceber a rejeição dos iraquianos à ocupação militar do seu país, logo era compreensivo. O *Expresso* enuncia que Vieira de Mello pedia a todos que “o tratassem simplesmente por Sérgio”, logo era simples; que dizia fazer o seu trabalho tranquilamente, logo era calmo, etc. O mesmo jornal estereotipiza a missão do diplomata: “Abrigar, proteger os refugiados e perseguidos do mundo”.

Na cobertura do atentado feita pelo jornal *Expresso* (a *Visão* furtou-se a dar espaço à polémica) também pode ser observado o conflito entre vários “primeiros definidores” de sentidos para o acontecimento, que chegaram ao mesmo tempo ao campo mediático e propõem enquadramentos antagónicos para explicar o sucedido (ver tabela 9). Sob este ponto de vista, é pertinente verificar como o uso de palavras como “guerrilha”, “fundamentalista” ou “terrorista” situam o enunciador-enquadrante. Duas perspectivas centrais sobre o acontecimento entram em conflito nas páginas do jornal: (1) é um atentado terrorista contra a ONU, mas também contra o Ocidente e a democracia; ou (2) é um acto de resistentes contra a ocupação militar, ilegítima e ilegal, do seu país pelas forças “imperiais” norte-americanas e suas aliadas.

Fonte	Enquadramento
Expresso (editorial)	O ataque às Nações Unidas não representa uma reacção nacionalista contra a presença de estrangeiros em solo iraquiano (...) o atentado à ONU (...) é um atentado contra o Ocidente. (...) A ameaça terrorista pode ser comparada a uma guerra civil global onde estão em causa dois modelos de sociedade. E há muito que o fundamentalismo declarou guerra ao nosso bem estar. (...) O ódio ao Ocidente por parte destes radicais é o ódio à nossa tolerância, laicismo, desenvolvimento; é um ódio à democracia, à libertação das mulheres, à privatização do sagrado, à convivência de ideias diferentes. Tudo o que somos e representamos afecta os fundamentalistas que vivem numa espécie de mundo medieval. (...) Qualquer pessoa que não pense como eles é infiel e não merece viver. E por muito que discutamos as condições económicas, políticas e sociais (...), não são essas causas, mas outras mais fundas que impulsionam a guerra que os terroristas nos movem.
Jornalista	O atentado (...) constitui o ponto mais alto da hostilidade armada à presença estrangeira no [Iraque]. Para os críticos da guerra, é a prova de que a estabilidade anunciada pela Casa Branca continua a ser uma miragem e que, no contexto actual, ninguém está a salvo – nem mesmo a ONU. (...) Pela frente, as Nações Unidas encontrariam um inimigo que vê na melhoria das condições de vida dos iraquianos uma vitória do ocupante.
Colunista de esquerda	Neste mundo que os EUA estão a tornar cada vez mais perigoso (...) a estratégia imperial do “Texano Tóxico” é um autêntico desastre (...). No Iraque (...) impera o caos, alastram a fome, a sede e a miséria, a instabilidade política é permanente e a guerrilha multiplica as emboscadas e os ataques (...) contra alvos indiscriminados. (...) o brutal atentado contra a delegação da ONU em Bagdad e a trágica morte do embaixador Sérgio Vieira de Mello vieram confirmar, mais uma vez, a incapacidade da superpotência militar para garantir um mínimo de segurança num país que invadiu e ocupou ilegalmente, violando o direito internacional, desprezando a Organização das Nações Unidas e mentindo descaradamente ao mundo. (...) Entretanto, prossegue (...) a “privatização do Iraque” (...). Várias e grandes empresas norte-americanas já repartiram entre si (...) o mercado da reconstrução de um país arrasado pelas bombas do império.
Colunista de direita	O (...) atentado (...) motivou uma discussão sobre se a acção era dirigida contra as Nações Unidas ou os Estados Unidos. Esta discussão não tem qualquer sentido. Do ponto de vista dos terroristas (...) não há qualquer diferença (...) entre a ONU e a coligação liderada pelos EUA (...). Aliás, do ponto de vista dessa gente, quem com eles não concorda é pura e simplesmente um alvo a abater. É por isso que aqueles que não entenderam (...) a verdadeira natureza do novo terrorismo se sentem (...) traídos (...). [Os] fundamentalistas islâmicos mostraram que não combatem o imperialismo, a preponderância económica dos EUA, a riqueza desbragada dos especuladores, as desigualdades sociais, a ocupação israelita da Palestina ou quaisquer outras fantasias que queiram atribuir aos seus actos: os terroristas combatem toda e qualquer ideia de civilização, de tolerância, de humanismo. (...) As palavras ocas de uma esquerda que espera um mundo perfeito não os comovem (...). Outros argumentam que a guerra contra o Iraque fez aumentar o terrorismo (...). Como se antes da guerra não tivesse havido brutais ataques (mais brutais do que este), ou como se alguém tivesse prometido que eles desapareceriam por magia depois da queda de Saddam. (...) O ataque à ONU (...) é só mais uma declaração de que a guerra dos fundamentalistas contra nós, contra a nossa cultura e civilização, é para continuar.
Colunista de direita (2)	Mais do que condenarem o acto terrorista e a loucura fanática dos seus sanguinários autores (...), os arautos portugueses do anti-americanismo puseram a tónica no elogio das vítimas e, sobretudo, na culpabilização das “forças ocupantes norte-americanas”. O terrorismo em si passou para segundo plano e quase como uma inevitabilidade justificada pela “ocupação militar estrangeira”. (...) O fanático acto de terrorismo de Bagdad foi (...) contra a implantação da democracia representativa no Iraque, (...) contra o respeito pelos direitos humanos, contra a liberdade de expressão e de escolha dos iraquianos. Se os nossos amigos anti-americanos não percebem isto –e continuam a insistir no maniqueísmo geográfico ou ideológico anti-EUA– é porque não percebem nada. O que motiva o terrorismo fundamentalista (...) é o ódio aos valores, ditos ocidentais, da liberdade e da democracia. E o que os assusta é a progressão, nos seus redutos, desses valores. [É possível combater o terrorismo] na origem, desmantelando as suas bases (...), isolando os países e regimes que o fomentam (...), punindo os seus responsáveis e não cedendo à sua chantagem destruidora. Não deixa por isso de ser irónico ouvir as mesmas vozes de sempre a apelarem, neste momento, a que o combate ao terrorismo não recorra à força e determinação das armas, mas se faça na “dimensão social e cultural”. Daqui a 30 anos estarão a dizer o mesmo, enquanto a seu lado se esmagam aviões civis contra edifícios civis, se fazem explodir autocarros cheios de passageiros, se colocam bombas em centros comerciais ou em edifícios da ONU. Os que sempre estiveram contra a intervenção das forças aliadas no Iraque (...) tentam agora fazer passar actos criminosos de terrorismo por acções de resistentes contra os ocupantes, procurando demonstrar (...) que tinham razão nas suas previsões falhadas.
Presidente da República	Um desprezível acto de terrorismo que procura destruir os esforços dos que se empenham em restaurar a paz e o Estado de Direito no Iraque.
Partido Comunista	Este (...) acontecimento vem confirmar que uma verdadeira solução para o futuro do Iraque exige o fim da ocupação estrangeira e o estabelecimento da capacidade de decisão soberana do povo iraquiano.
Bloco de Esquerda	O atentado prova a espiral de violência em que o Iraque se transformou após a ocupação norte-americana.
CDS/PP	Tentar fazer deste acontecimento uma doutrina ou tirar ilações apressadas é um erro porque quem foi atacada foi a comunidade internacional que é (...) essencial para a reconstrução do Iraque.
PSD	Em caso algum podemos ceder perante estes actos terroristas.

52 Conforme é visível pela tabela 9, o protagonismo analítico e mesmo argumentativo de alguns jornalistas e a abertura do espaço mediático a colunistas de diferentes áreas políticas anulou a vantagem estratégica que poderia ocorrer se alguém tivesse apresentado sozinho um primeiro enquadramento para o acontecimento ao campo jornalístico. Pode verificar-se, assim, que a intenção de objectividade e o valor jornalístico do equilíbrio, estruturante da tribo jornalística (Traquina, 2003), levam os meios jornalísticos a abrir-se democraticamente ao debate, funcionando como arena pública, e os jornalistas a balancear e contrastar equilibradamente as posições de fontes antagónicas, às vezes por iniciativa deles mesmos (recurso aos canais de iniciativa, na terminologia de Sigal, 1973), desde que a polémica se estabeleça dentro do espaço de controvérsia legítima (Hallin, 1986). Por outro lado, como vimos, a polémica é uma qualidade que contribui para a noticiabilidade, o que ajuda a compreender o destaque dado ao debate. Há ainda a considerar que fomentar o debate, o contexto e a reflexão é um papel que se espera dos semanários, que não têm os mesmos constrangimentos temporais dos diários.

CONCLUSÃO

Os dados recolhidos confirmam, no geral, as hipóteses colocadas, à excepção da quarta hipótese. Em concreto, a confluência de vários critérios de selecção e o elevado potencial de personalização da história, devido à morte de Sérgio Vieira de Mello, tornaram o atentado matéria relevante entre a informação, especialmente entre a informação internacional. A contabilização de Sérgio Vieira de Mello entre as vítimas centralizou parcialmente a cobertura textual e fotográfica do acontecimento, ao ponto de gerar uma reformatação na forma de contar a história. O discurso dos dois periódicos enaltece a figura de Sérgio Vieira de Mello, apresentando-o como herói e mártir. Nesse discurso, o homem dá lugar ao mito, ao super-homem. Porém, nem em tudo há consonância discursiva, já que no *Expresso* se observam vários enquadramentos para o acontecimento em conflito, promovidos essencialmente por colunistas.

As fontes “oficiais” dominaram a cobertura. Contudo, o índice de polifonia foi reduzido, em particular no *Expresso*, o que leva à rejeição da quarta hipótese, que previa um maior equilíbrio na auscultação de fontes de maneira a referenciar-se a “visão local” sobre o acontecimento, tanto mais que a cobertura noticiosa local terá sido construída a partir dos despachos de agências que tinham jornalistas no terreno e que os dois periódicos semanais citam.

- Bell, A. e Garrett, P. (Eds.) (1998). *Approaches to Media Discourse*. Oxford, Blackwell Publishers.
- Ericson, R.; Baranek, P. e Chan, J. (1987). *Visualizing Deviance: A Study of News Organization*. Toronto, University of Toronto Press.
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and Social Change*. Cambridge, Polity Press.
- Fairclough, N. (1995). *Media Discourse*. London, Arnold.
- Fernández Parratt, S. (2001). *A Reportaxe de Prensa en Galicia (1960-2000)*. Tese de doutoramento não publicada, apresentada à Universidade de Santiago de Compostela, Espanha.
- Fowler, R. (1991). *Language in the News. Discourse and Ideology in the Press*. London, Routledge.
- Galtung, J. e Ruge, M. H. (1965). The structure of foreign news. In: *Journal of International Peace Research*, n.º 1.
- Gamson, W. (1989). News as framing. *American Behavioural Scientist*, n.º 33.
- Gans, H. (1979). *Deciding What's News. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. New York, Pantheon Books.
- Gitlin, T. (1980). *The Whole World is Watching*. Berkeley, University of California Press.
- Goffman, E. (1975). *Frame Analysis. An Essay on the Organization of Experience*. Boston, Northeastern University Press.
- Hallin, D. (1986). *The "Uncensored War": 1965-1967*. Berkeley, University of California Press.
- Marques de Melo, J. (1972). *Estudos de Jornalismo Comparado*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora.
- Marques de Melo, J.; Fadul, A.; Andrade, A. e Gobbi, M. C. (1999). *O Mercosul na imprensa do Mercosul*. (Projecto de pesquisa). Texto policopiado.
- Schlesinger, P. (1977). Newsmen and their time machine. In: *The British Journal of Sociology*, vol. 28, n.º 3.
- Schlesinger, P. (1990). Rethinking the sociology of journalism: Source strategy and the limits of media-centrism. In: Ferguson (Ed.) – *Public Communication: The New Imperatives*. London, Sage.
- Sigal, L. (1973). *Reporters and Officials: The Organization and Politics of Newsmaking*. Lexington, Health and Company.
- Sousa, J. P. (2000). *As Notícias e os Seus Efeitos*. Coimbra, Minerva Editora.
- Stephens, M. (1988). *A History of News*. New York, Penguin Books.
- Traquina, N. (2001). *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo, Editora Unisinos.
- Traquina, N. (2002). *Jornalismo*. Lisboa, Quimera.
- Tubergen, G. N. e Mashman, D. L. (1974). Unflattering photos: How people respond. In: *Journalism Quarterly*, vol. 51, n.º 2.
- Tuchman, G. (1976). Telling stories. In: *Journal of Communication*, vol. 26, n.º 4.
- Tuchman, G. (1978). *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New York, The Free Press.